

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica

¹A importância da pesquisa científica na grade curricular dos cursos de graduação em Jornalismo

Nelson Toledo Ferreira²
neotolledo@hotmail.com

Resumo

Os cursos de graduação em jornalismo atualizam periodicamente suas grades curriculares disponibilizando ao corpo acadêmico as novidades tecnológicas e os novos campos de atuação dos profissionais, mas não dão a devida atenção às pesquisas científicas, tão necessárias ao entendimento da comunicação como um processo social e político. Os laboratórios de jornalismo, nas grades curriculares, exercitam a prática da profissão, mas não investem na pesquisa científica e na desconstrução dos fenômenos comunicacionais para entender como funcionam, como se articulam, como impactam a sociedade. Este processo é fundamental para a excelência na formação profissional dos futuros jornalistas, reafirmando que não trata-se de uma profissão meramente técnica, mas alicerçada em conhecimentos específicos.

Palavras-chaves: Pesquisa; Epistemologia da comunicação; Grade curricular do Jornalismo.

Introdução

O trabalho visa uma reflexão sobre a importância das escolas de jornalismo incluírem em suas grades curriculares mais disciplinas voltadas ao

¹ Trabalho apresentado no GT Pesquisa na graduação do 14º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e professor efetivo do curso de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, campus Juiz de Fora. neotolledo@hotmail.com.

desenvolvimento da na pesquisa científica, buscando estimular os acadêmicos a descoberta deste campo que se legitima como um saber específico, que tem uma interface com inúmeras outras áreas do conhecimento como política, antropologia, sociologia, psicologia e tantas outras disciplinas. Muito mais do que o lado funcional, que é formar profissionais mais conscientes do papel social e político que lhes cabe nas comunidades que atuam, é fortalecer este prerrogativa de que a comunicação, como um todo, incluindo o jornalismo, é um conhecimento importante para processar todo o desenvolvimento das sociedades modernas, extraíndo deste saber, dispositivos que permitam a construção de espaços sociais mais justos e mais democráticos.

Durante os quatro ou cinco anos de graduação em jornalismo, os alunos se seduzem com a prática da profissão que é a cobertura dos eventos, o sair nas ruas, as entrevistas, a edição de imagens, a fotografia que consegue apreender o momento exato dos fatos, mas quando são chamados a produzir um texto que tenha mais de cinco laudas já se assustam. A linguagem concisa e as técnicas narrativas do jornalismo com lides e sublides fazem com que muitos profissionais tenham plenas dificuldades em escreverem um texto mais elaborado, mais cuidadoso, mais teórico. Mesmo uma grande reportagem que exige uma estruturação mais caprichada torna-se um empecilho para estes jovens redatores, que a cada ano, estão acostumando com textos cada vez mais curtos, mais objetivos e menos contextualizados.

A internet, com toda a sua velocidade, é um dos fatores que faz com que este hábito narrativo torne-se cada vez mais intenso, menos elaborado. Vale a quantidade de informações postadas e a interação com outras mídias como vídeos, áudios, fotografias e infográficos, do que necessariamente, a contextualização e a produção de um texto limpo, interpretativo e atraente aos olhos dos leitores, que os levem a se posicionar politicamente perante acontecimentos e episódios do cotidiano.

Com esta ênfase tecnicista, o processo de análise dos fenômenos que ora se observam no dia a dia torna-se meramente descritivo, não permitindo uma visão plural das causas e efeitos que impactam à sociedade. Desconstruir um objeto empírico da comunicação para tentar entendê-lo de forma ampla e contextualizada torna-se um desafio para aqueles profissionais que aprenderam que as técnicas narrativas e de apuração são funcionais e rápidas, na medida em

que os cursos de graduação priorizam, na formação destes profissionais, o deadline em detrimento da qualidade e do compromisso social.

Diante deste cenário, cabem questionamentos sobre a crise que os cursos de jornalismo passam com a extinção da obrigatoriedade do diploma, sobre a discussão dialética entre as questões técnicas e cognitivas da comunicação nas sociedades modernas, sobre o fazer jornalismo frente a uma tecnologia que transforma a informação em objeto cada vez mais perecível. Nossa principal matéria prima da profissão, a produção noticiosa, transforma-se na capacidade tecnológica de todos os cidadãos que tenham dispositivos à mão, como laptops, câmeras digitais, filmadoras, tablets e uma infinidade de novos recursos para postar e jogar nas redes fatos que julguem interessantes. Todo o contexto comunicacional de enquadramentos, agendamentos e manipulação ficam submersos às técnicas. Perde com isso, o profissional que está se formando, perde a sociedade que passa a consumir uma informação sem qualidade, sem compromisso.

Na medida em que a comunicação, mais precisamente, o fazer jornalismo for simplificado a este modelo descompromissado com a sociedade, puramente técnico e informativo, teremos profissionais cada vez mais limitados, sem a consciência de que a comunicação, nos dias atuais, nunca se investiu de tanta importância como a principal força mediadora entre o estado e a sociedade civil. O jornalismo reflete através da opinião pública as demandas da sociedade civil, exercendo influência sobre as instituições e as tomadas de decisão. Então, não trata-se apenas de informar os cidadãos, mas de formá-los politicamente.

Diante do exposto, faz-se necessário uma formação mais sólida dos jornalistas que encare o conhecimento do jornalismo como uma ciência, que necessita de suas teorias, de suas interfaces, de suas interpretações. E, com isso, a incorporação de disciplinas que estimulem o desenvolvimento de pesquisas científicas nas grades curriculares permitindo mostrar ao corpo docente que o jornalismo é mais do que técnicas, é um conjunto de forças que podem influenciar de forma positiva ou negativa o futuro de uma sociedade e impactar a vida dos seus cidadãos. Saber desconstruir fenômenos comunicacionais para melhor entendê-los contribui para tornar a comunicação, incluindo o jornalismo, uma ciência com a magnitude e o lugar de destaque que deve ter nas sociedades modernas, fortalecendo o aprendizado do futuro profissional.

2 O ensino do jornalismo

Numa sociedade em que compartilhar informação se tornou essencial, pensar a formação do jornalismo como um conjunto de técnicas é reduzir sua importância na chamada era do conhecimento em que o trabalho imaterial é a principal matéria prima a ser produzida. No entanto, percebe-se que as novas tendências aplicadas nas escolas ainda se misturam com as antigas no fazer jornalismo, e neste embate, os cursos de graduação de jornalismo ainda priorizam a prática e deixam em segundo plano as discussões teóricas da área. Os próprios alunos preferem entre seus professores aqueles que os estimulam na prática da profissão do que os que insistem em fazê-los refletir teoricamente os fenômenos comunicacionais.

Meditich (2008) lembra que existe uma miopia tecnicista dentro dos cursos de jornalismo, negando a possibilidade teórica, que se reverte da própria negação do jornalismo.

(...) A miopia tecnicista de muito de nossos colegas não critica, e portanto não cria: apenas se deslumbra e reproduz o que acha bonito. Tem suas referências nos manuais técnicos, cujas razões de ser (o logos por trás das técnicas) não compreende. Em consequência, torna-se rapidamente desatualizada, não resiste à crítica, e não defende o território do jornalismo na academia, perdendo aquilo de que se acreditava proprietária (MEDITSCH, 2008, p.29)

Ainda existe o agravante da tecnologia que faz com que o jornalismo seja entendido apenas como o postar informações nas redes, e os cursos de graduação em jornalismo não se posicionam frente a este cenário cada vez mais midiático. Não é simplesmente o flagrar fatos com câmeras de celulares e postar o momento nas redes sociais que é produzir notícias. E os cursos de graduação, ao invés, de estimularem a pesquisa científica para contextualizar os fenômenos comunicacionais fazem justamente o contrário, apostam em cursos cada vez mais práticos e técnicos, e, pior, com o aval da comunidade docente que afirma que isso torna as disciplinas mais atraentes e mais ágeis. É muito comum ouvir nos corredores das faculdades, os alunos reafirmarem esta postura tecnicista dos cursos e ainda questionam o motivo das disciplinas teóricas, esquecendo que sem pensar e refletir nenhum jornalista consegue caminhar na profissão. É lamentável ouvir o questionar dos próprios alunos o

motivo de se estudar filosofia, antropologia, política, economia e outras disciplinas específicas, sem se darem conta que esta formação humanística é que o capacita a analisar, pensar e construir sua base intelectual para ir às ruas apurar matérias, manter um diálogo inteligente com suas fontes, não ser vítima da manipulação dos poderes constituídos, além de o gabaritar a construir textos mais inteligentes, mais claros, mais políticos.

Já Muniz Sodré (2008) afirma que a crise das faculdades de jornalismo deve ser situada em um contexto mais amplo que inclua a discussão sobre o espaço público na medida em que ocorrem mudanças na sociedade que fazem com que a imprensa ganhe um prestígio em nossa modernidade. E nesta importância do jornalista como agente mediador deste espaço público, que sofre tamanhas transformações, reduzir a atividade jornalística a um plano meramente técnico é uma ingenuidade.

É uma ingenuidade profissionalista supor que os acontecimentos do mundo se ofereçam de modo transparente e neutro à mediação jornalística – a mediação implica sempre um *parti pris*. O indivíduo não vai a academia para o mero aprendizado de técnicas jornalísticas (repetindo a concepção do protestantismo calvinista sobre o saber, que valeria apenas enquanto associado à profissão), mas para, junto com a absorção dessas técnicas, preparar-se culturalmente (estudando História, Política, Economia, Filosofia, Teoria da Comunicação) para lidar interpretativamente com a moderna sociedade da informação e investir-se da condição de guardião da língua, da escrita e da credibilidade histórica. (SODRÉ, 2008, p.54)

Neste contexto, a aplicação de disciplinas voltadas à pesquisa científica iria proporcionar ao ensino do jornalismo profissionais mais conscientes de todo o processo que envolve o fenômeno comunicacional. O jornalista como mediador social é imprescindível em uma sociedade em que a informação circula e é consumida, de uma forma tão ágil nunca foi vista na história. Entender o campo multifacetado da comunicação e sua interface com outras disciplinas torna-se um direcionador que garante a diferença entre as escolas de jornalismo que primam pela qualidade e a formação de excelentes profissionais. Apertar botões de uma parafernália tecnológica e saber manejar softwares de

edição aprende-se em pouco tempo, mas construir uma consciência crítica e política exige muito mais do futuro profissional em jornalismo.

3.O campo multifacetado da comunicação

Nesta discussão, acredito que é necessário discorrer um pouco sobre os desafios da construção de uma pesquisa científica, buscando uma relação com a interface com outras áreas bem com as etapas para o seu desenvolvimento, pois este entendimento revela o quanto disciplinas voltadas para o estímulo ao conhecimento são essenciais na formação do profissional jornalista.

Os primeiros passos passam pela complexidade de reflexões e escolhas, através de um minucioso planejamento, no qual são definidos revisão bibliográfica, problemas, hipóteses, objetivos e metodologia. Existe uma vasta lista de autores a respeito destes itens, mas o encaixe perfeito do tema escolhido, o afinamento das formas de estudo e a identificação com a linha de pesquisa exigem do pesquisador um trabalho árduo. No campo da comunicação, o desafio torna-se maior, na medida em que a interface desta área com outros conhecimentos permite um mosaico de abordagens que ora se distinguem, ora se complementam.

Uma pesquisa científica nasce de uma curiosidade de investigação sobre determinada temática, seja por questões de observação da realidade ou por lacunas de conhecimentos e reflexões de outros autores em um campo de saber específico. Os estudiosos revelam que o relevante é que o assunto tenha legitimidade frente à comunidade acadêmica e percorra etapas que comprovem um trajeto de estudo e interpretação de dados coletados para se chegar a um parecer, que nunca é definitivo, mas que permita contribuir em alguma escala para o seu aprofundamento, abrindo um leque de novas possibilidades. Lucia Santaella, na ótica de Pierce, na definição de pesquisa:

Toda investigação de qualquer espécie que seja, nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Quando um hábito de pensamento ou crença é rompido, o objetivo é se chegar a um outro hábito ou crença que se prove estável, quer dizer, que evite a surpresa e que estabeleça um novo hábito. Essa atividade de passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e,

consequentemente, estabelecimento de um hábito estável é o que Pierce chamou de investigação. (SANTAELLA, 2002, p. 112)

Santaella (2002, p.113) complementa que esta definição tem no seu núcleo a parte que concretiza uma pesquisa científica que é livrar-se da dúvida, buscar uma resposta, nascendo neste processo de investigação o desejo de encontrar uma resposta para uma questão. Neste processo, ocorre a necessária aquisição de conhecimentos. O que caracteriza a pesquisa como científica, de acordo com a autora, é o estado de alerta do pesquisador no que se refere às questões filosóficas, especialmente, epistemológicas, sobre as leis que regem o conhecimento, sua busca, sua validade, dentre outros.

Para Sergio Vasconcellos de Luna (2000), no atual contexto, o papel do pesquisador passa a ser mais de intérprete da realidade pesquisada, segundo os instrumentos conferidos pela sua postura teórico-epistemológica, não preocupando-se em estabelecer a veracidade das suas constatações, mas, sim, que seja capaz de demonstrar - segundo critérios públicos e convincentes - que o conhecimento que ele produz é fidedigno e relevante teórico e/ou socialmente. Com base nessa premissa, Luna (2000, p.15) conceitua pesquisa como a produção de um conhecimento novo, relevante teórico e socialmente. Ou seja, um saber que preencha uma lacuna no conhecimento disponível de determinados campos de estudo.

Luna (2000) destaca que qualquer que seja o referencial teórico ou a metodologia empregada alguns elementos são essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa, como determinar informações necessárias para encaminhar respostas às perguntas feitas; selecionar melhores fontes; definir um conjunto de ações que produzam estas informações e um sistema para tratá-las; usar um sistema teórico para interpretá-las; produzir respostas às perguntas formuladas e indicar o grau de confiabilidade das respostas obtidas.

Neste emaranhado de caminhos a se percorrer na condução de uma pesquisa científica é que o acadêmico vai apreendendo a comunicação como um processo que é muito mais amplo do que as técnicas de entrevistas e redação que foram aprendidas nos laboratórios de impressos, rádio, TV e internet. Faz-se necessário saber planejar para entender os fenômenos comunicacionais e suas interfaces com outras áreas, bem como os impactos juntos à sociedade.

Planejamento exige principalmente que o pesquisador saiba delimitar o campo de seus estudos, o que apresenta-se como um outro desafio na área de comunicação. Os debates sobre comunicação nunca estiveram tão presentes na vida da sociedade como na época atual. A interface com outras áreas de conhecimentos gera uma gama infinita de abordagens uma vez que o processo comunicativo faz parte do desenvolvimento da sociedade e dos próprios seres humanos, principalmente, em uma era em que a informação tornou-se uma commodity, ou seja, uma mercadoria que tem valor por si só no mercado, funcionando desde uma estratégia do mundo de negócios até uma ferramenta de interpretação de áreas específicas que abordam a interação dos grupos sociais, comportamentos, cultura, consumo e outras variáveis importantes da sociedade. Mas reduzir o campo da comunicação meramente a esta perspectiva interdisciplinar seria simplificar os debates sobre estes estudos afunilando a amplitude dos processos comunicacionais, enquanto um campo singular do saber científico.

O campo epistemológico da comunicação esbarra em diversas variáveis do processo de interação social e midiatização da sociedade que não são percebidas de forma plena e acabam se fragmentando em questões e objetos específicos dos mais diversos campos de conhecimento. Por isso, discute-se até que ponto é necessário delimitar o território da questão comunicacional ou enfatizar como se dá a sua articulação com outros saberes, na tentativa de consolidar estes estudos como ciências da comunicação.

O fato é que os pesquisadores iniciantes se perdem no foco da pesquisa, com dificuldades de assegurar a comunicação como problema central a ser respondido em seus trabalhos e constroem conhecimentos baseados mais em interfaces. O desafio básico é fechar ao máximo o tema de pesquisa para que ele tenha uma consistência científica sem cair nos labirintos de outras ciências como psicologia, antropologia, sociologia, lingüística, educação, política social e fugir do campo de estudo da comunicação.

Comunicar não é um fenômeno novo, trata-se de um mecanismo que sempre foi essencial para que os homens se interajam e se desenvolvam. No entanto, o processo cada vez mais acelerado de transmissão de informações na sociedade contemporânea acaba por construir um cenário onde a midiatização dos processos sociais se torna ponto central de análise e reflexão acerca do

conhecimento científico, exigindo, cada vez, mais pesquisas nesta área, na tentativa de entender a complexidade do mundo atual.

José Luiz Braga discorre sobre o campo não traçado da comunicação (2007) afirma que na sociedade contemporânea os processos midiáticos se fazem presentes em todos os relacionamentos humanos e sociais, por uma “penetrabilidade” processual que faz do midiático um processo interacional crescentemente de referência, mesmo nas comunicações interpessoais. Com efeito, Braga destaca que os campos de estudos e pesquisas em comunicação atuais transitam entre as perspectivas interacionais e esta presença midiática. Mesmo assim, estas duas preferências de objeto não definem claramente a questão do foco disciplinar.

Ao contrário, são duas noções que reabrem toda a perspectiva de reflexão – atravessando amplamente as ações humanas e os âmbitos de conhecimento sobre estas. Nenhum “objeto”, empírico ou conceitual, especificado ou abrangente - parece ser suficiente para demarcar uma área de conhecimento consistente, com boa articulação interna e identidade produtiva – resta sempre estabelecer questões “próprias” e articular de algum modo tais questões. (BRAGA, 2007, p.8)

Nesta multiplicidade de abordagens das pesquisas de comunicação, a discussão sobre construção dos problemas, hipóteses, metodologias nesta área exigem um diálogo com vários teóricos para permitir uma ideia mais clara de qual o caminho por onde os pesquisadores iniciantes devem partir para construir seus projetos. Nos encontros dos alunos e professores dos programas de Pós-Graduação como Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação e no Intercom – Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, os grupos temáticos de epistemologia da comunicação, a cada ano, apresentam novas visões sobre os paradoxos do campo comunicacional, o valor das metodologias de pesquisa na área, os trabalhos de investigação dos objetos do campo, a postura interdisciplinarista e muitas outras temáticas, que permitem avaliar que o momento é mais de construção de um campo do que uma dispersão e fragmentação.

Com efeito, Venício de Lima (2001) trata o campo de estudo da comunicação como um universo teórico desarticulado e conflituoso resultado de diversos fatores como os avanços tecnológicos que conduzem a uma “nova

mídia”, interativa, que não mais massifica produtos a um público padronizado; a institucionalização dos cursos de graduação no Brasil, pautada no modelo norte americano; o desenvolvimento do trabalho de pesquisadores que se interessam por áreas distintas daquela em que são habilitados profissionalmente. Na sua opinião, ao mesmo tempo que abre novas perspectivas de pesquisas acaba por uma dispersão teórica do campo como saber científico.

Contrapondo esta posição, o pesquisador Jairo Ferreira (2007) considera inócuo delimitar um campo multidisciplinar como o da comunicação, defendendo que é convivência mútua entre essas teorias e dos desafios que elas propõem entre si que o campo avança e se desenvolve. Neste emaranhado de tendências que se constrói a própria disciplina.

Neste conflituoso debate, os pesquisadores iniciantes necessitam de uma farta bibliografia e um projeto de pesquisa adequado para planejar o desenvolvimento dos seus temas centrados neste tensionamento multidisciplinar, mas não perdendo o foco das temáticas de comunicação como núcleo central para irradiar as discussões pretendidas dos seus estudos. Livros de metodologia são consensuais no que se refere aos tópicos como problemas, hipóteses, objeto de estudo e metodologia. Porém, mais do que entender estes itens, o desafio é conseguir apreender de forma clara e objetiva as questões comunicacionais e suas interfaces dentro deste aparato teórico.

Considerações finais

Quando nos deparamos com a discussão sobre a natureza técnica dos cursos de graduação em jornalismo é impossível não pensar sobre a quantidade de abordagens científicas sobre esta área que cresce, a cada ano, nos encontros de comunicação realizados no Brasil e no mundo. No entanto, paradoxalmente, percebe-se que mesmo que as faculdades de comunicação estimulem a participação dos alunos nestes eventos científicos não reformulam suas grades curriculares para o desenvolvimento de pesquisas.

Na experiência prática de anos lecionando para alunos de jornalismo, observa-se uma preocupação com estágios, com laboratórios para exercitar a

prática da atividade, mas não com o estímulo ao desenvolvimento de pesquisas e produção de artigos científicos. O resultado é danoso: os acadêmicos chegam ao seu último semestre letivo e começam atabalhoadamente preocupados em fazer o trabalho de conclusão de curso. E nesta fase, descobrem que durante todo o curso não redigiram sequer um artigo científico, não analisaram sequer um fenômeno comunicacional, correlacionando teorias a respeito destes processos, não foram treinados a pensar a comunicação como um saber, apenas como uma técnica.

O começo de qualquer atividade sempre causa incertezas. Os alunos que estão matriculados em curso de graduação ou ingressam nos programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil e no mundo enfrentam além destas novas etapas de maturação da área acadêmica, a constante inovação tecnológica e a amplitude dos processos comunicacionais interferindo na vida moderna, gerando uma infinidade de reflexões. Um fluxo constante de novas informações que revelam a importância da comunicação na contemporaneidade nos seus mais diversos aspectos, de inclusão social e reforço da cidadania até sua abordagem estratégica na construção de mercados. Diante deste reflexo, a comunicação se firma como uma das principais ciências, despertando interesse da comunidade científica e o ingresso a cada ano de novos pesquisadores no setor, buscando entender e refletir sobre a lógica da sociedade moderna.

Nos encontros regionais e nacionais de Comunicação observa-se uma variedade de temáticas, mostrando que trata-se de um saber científico que se consolida. As diversas interfaces com outras áreas criam um mosaico de saberes, mas também perspectivas de se estruturar pontos específicos da comunicação, revelando um campo dinâmico em constante transformação.

Lucia Santaella (2002) comenta que um pesquisador nunca deixa de ser pesquisador pelo processo dinâmico do estudo que sempre gera novas abordagens. Neste acúmulo de saberes é que a comunicação vai se construindo um campo de saber específico, movimentando toda uma rede de pesquisadores em todo o país e no mundo. Mas faz-se necessário um aporte intelectual para a pesquisa científica em comunicação na grade curricular dos cursos de graduação em jornalismo, e não apenas nas etapas de pós graduação.

Na graduação, o pesquisador iniciante tem um arcabouço teórico ainda sendo testado com toda sua bagagem de conhecimento recém adquirida na

faculdade que inclui uma formação humanística importante, revelando estas interfaces com outros saberes e disciplinas, o que pode tornar ainda mais complexo a escolha de seus temas de monografias de conclusão de curso. Já o estudante ingressando em um mestrado, esbarra ainda na linha de pesquisa. Como criar a interface entre o tema escolhido, o recorte que se dará sobre este assunto e ainda conciliar com a linha de pesquisa que o programa de Pós-graduação de sua faculdade oferece. Com efeito, nenhum trabalho nasce se o pesquisador não estiver disposto a refletir, pois é esta postura acadêmica de explorar todas as suas angulações e teorias que irá permitir uma abordagem nova, um conhecimento que amplie a discussão sobre a temática. E justamente esta maturação do profissional jornalista que fica a desejar nos cursos de graduação de jornalismo. Investe-se muito nas técnicas jornalísticas, mas pouca atenção se dá ao amadurecimento dos futuros profissionais sobre o campo temático que irá desenvolver seu trabalho e construir sua carreira.

Bibliografia

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem – discursos e ciência**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Morena, 1998.

BRAGA. José Luiz Braga. **O problema de pesquisa – como começar**. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/5155>. Acesso em julho de 2009.

FENAJ. **Formação superior em jornalismo – uma exigência que interessa à sociedade**. Florianópolis, 2008.

FERREIRA, Jairo.(org). **Cenários, teorias e epistemologias da Comunicação**. 1º ed. Rio de Janeiro: E:papers, 2007

LIMA, Venício A. **Mídia – Teoria e política**. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação – formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990

LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa – uma introdução: elementos para uma análise metodológica**. São Paulo: EDUC, 2000

MARTINO, L. **Elementos para uma epistemologia da comunicação.**
VASSALO DE LOPES, M. I.; FUENTES NAVARRO, R (orgs) **Comunicación:**
campo Y objecto de estudo. México: Iteso, 2001

SÁ, A. (org.) **Fundamentos científicos da comunicação.** Petrópolis:
Vozes, 1973

SANTAELA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker editores, 2001